

Cardoso

CEDI - P. I. B.
DATA 19/10/80
M. S. B.

Ao
Coordenador do VIII Curso de Indigenismo
Prof. Jaime
Divisão de Educação
Departamento Geral de Planejamento Comunitário (DGPC)
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
Ed. Winter 7º andar
Setor de Autarquias Sul
Respa

De: Eduardo Aguiar de Almeida
Assunto: Relatório de Estágio
Conteúdo: Livro de 12 páginas e 5 mapas anexos

*O relatório de
estágio de Eduardo
Aguiar de Almeida
está em anexo.*

VIII CURSO DE INDIGENISMO
RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Estagiário: Eduardo Aguiar de Almeida
 Local de estágio: PI Kaburuá (AJAI, IIIª DR)

1. Apresentação

Este relatório sumário foi elaborado como trabalho exigido aos cursandos do VIII Curso de Indigenismo da Fundação Nacional do Índio, obedecendo a uma orientação definida quanto aos assuntos que deve tratar. Refere-se o relatório ao estágio deste cursando no Posto Indígena Kaburuá, localizado na "reserva" Munduruku, na área da Ajudância de Itaituba (AJAI), IIIª Delegacia Regional, no Estado do Pará.

Tendo em vista a maneira informal como foi sugerido o roteiro para este relatório, pela Coordenação do Curso, resolvemos tomar a liberdade de alterar um pouco a proposta. Essa iniciativa decorreu da constatação de que alguns itens propostos no roteiro original seriam de difícil desenvolvimento no caso específico do nosso estágio, enquanto outros itens poderiam ganhar maior destaque e desdobramento. As alterações, estamos certos, não implicaram em prejuízo de nenhum dos itens e questionamentos indicados no roteiro original, mas, pelo contrário, achamos que tornou o trabalho ainda mais detalhado e amplo. Desta forma, o relatório obedece ao seguinte desenvolvimento:

1. Apresentação
2. o grupo indígena: - população, - aspectos culturais, - contato.
3. Terras: - localização, - área, - aspecto jurídico.
4. Aspectos Naturais: - clima, - topografia, - hidrografia, - vegetação, - fauna, - solo, - subsolo.
5. Transporte e Comunicação: - externos, - internos.
6. O PI - Estrutura e Funcionamento: - localização, - área, - sede, - outras benfeitorias, - pessoal, - equipamentos, - atividades.
7. Aspectos Sociais: - habitação, - saneamento, - lixo, - saúde, - educação, - regime de trabalho.
8. Aspectos Econômicos: - coleta, - caça, - pesca, - agricultura, - criação, - beneficiamento ("indústria"), - comércio, - artesanato.

Alguns aspectos importantes, como saúde e educação apresentam-se superficialmente tratados nesse relatório, daí não terem merecido maior destaque no esquema. O fato deve-se a que a atividade educacional não vem sendo praticada na área, assim como, em relação a saúde, os dados teriam que ser pesquisados junto à Equipe Volante de Saúde da DR, em Belém, o que não nos foi possível realizar. Nos faltou previsão na ida, já que no retorno não passamos por Belém.







MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

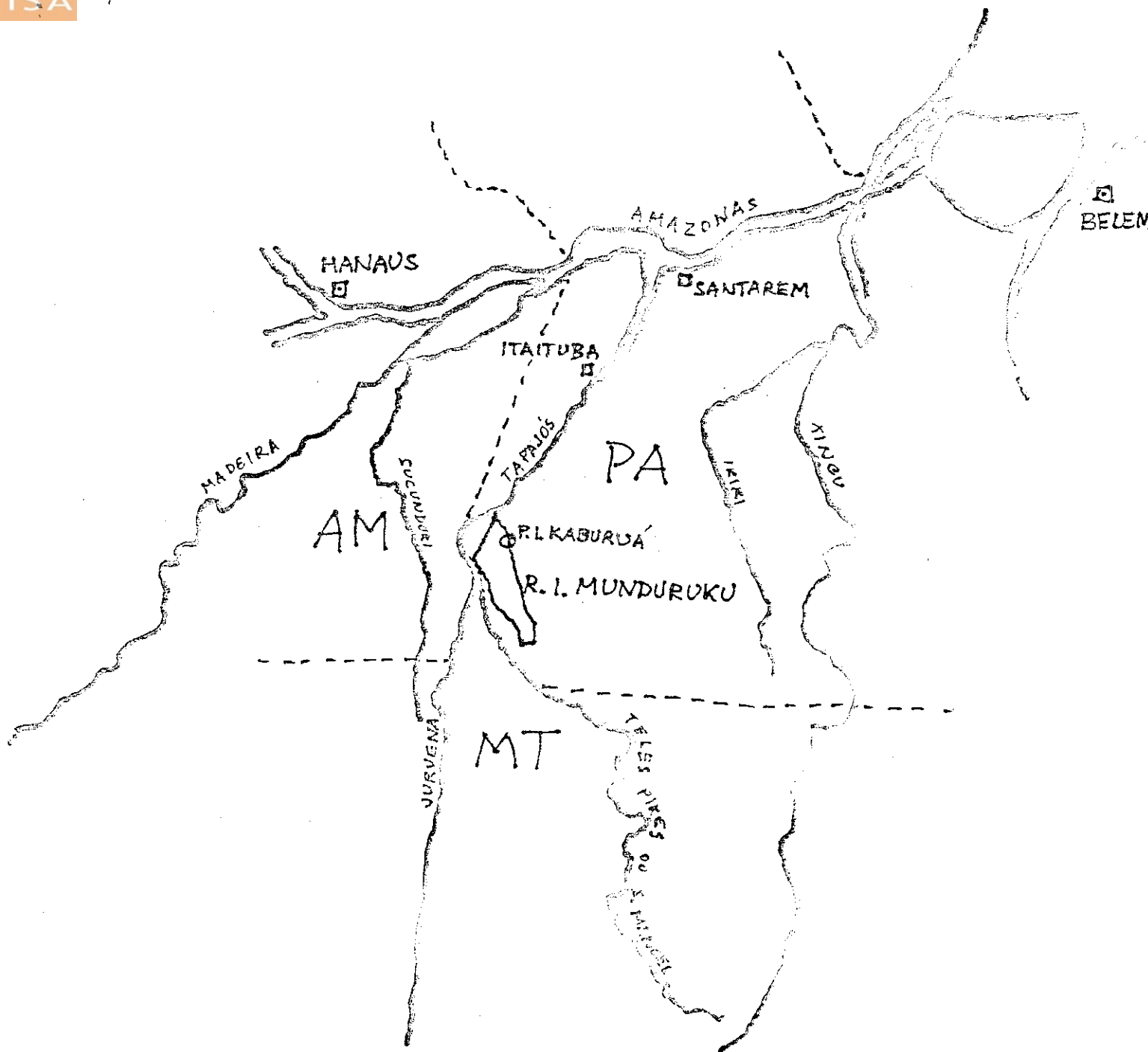
TRANSAMAZÔNICA

LEGENDA DO MAPA DO TRECHO

ITAITUBA - HUMAITÁ

- 1) MAWÉ (Tupi, integrados)
- 2) MAWÉ (Tupi, integrados)
- 3) MAWÉ (Tupi, integrados)
- 4) MAWÉ (Tupi, integrados)
- 5) MUNDURUKU (Tupi, integrados)
- 6) JACARÉACANGA (Base Operacional)
- 7) MUNDURUKU (Tupi, integrados)
- 8) MUNDURUKU (Tupi, integrados)
- 9) MUNDURUKU (Tupi, isolados)
- 10) BARRA DO SÃO MANOEL (Núcleo de Segurança)
- 11) AIPO-SISSI (Desconhecido, isolados)
- 12) P.I. MUNDURUKU
- 13) APIAKÁ (Tupi, isolados)
- 14) MUNDURUKU (Tupi, isolados)
- 15) KAYABI (Tupi, isolados)
- 16) P.I. KAYABI
- 17) MURA-PIRAHÃ (Mura, integrados)
- 18) ARARA-TORÁ (Txapakura, isolados)
- 19) PARINTINTIM (Tupi, contato permanente)
- 20) HUMAITÁ (Sub-base Operacional)

-  Base Operacional
-  Sub-base Operacional
-  Núcleo de Segurança
-  Posto Indígena
-  Grupo Indígena Isolado
-  Grupo Indígena Integrado



2. O Grupo Indígena

Trata-se de um segmento da nação Munduruku o grupo indígena assistido pelo PI Kaburuá. Os Munduruku têm como habitat histórico o vale do Tapajós, segundo Darcy Ribeiro ("Os Índios e a Civilização", 1970); e seu contato com frentes "civilizadas" vem desde o século XVIII, somando portanto cerca de 200 anos. Guerrearam as frentes coloniais, guerrearam outras tribos enfraquecidas por guerras que estas também mantinham com as mesmas frentes, se expandiram no século XVIII tanto para oeste como para leste. Ainda de acordo com DR, foram derrotados e submetidos pelos "civilizados", sendo aliciados por estes para combaterem outras tribos. No século passado, os Munduruku participaram em sedições regionais, principalmente da Cabanagem, ao lado dos revolucionários, sofrendo posteriormente a repressão.

Hoje os Munduruku do Tapajós se concentram principalmente na área da "reserva" Munduruku, demarcada pela Funai, isto é, uma região influenciada topograficamente pela serra do Cachimbo. De acordo com os dados disponíveis, a maior concentração populacional se dá ao longo do vale do rio Cururu, no lado sul da reserva. A área do PI Kaburuá, entretanto, como veremos, é justamente a do setor norte da reserva. No todo, a população da Reserva é estimada em 3 mil pessoas. Na área do PI Kaburuá um levantamento preliminar, atualizado, indica uma população de 193 indivíduos, sendo 83 na aldeia Katon, onde se localiza o PI.

Outras aldeias e acampamentos estão na área considerada de abrangência do PI Kaburuá: Kaburuá (população, c. 30), habitatu ou Porto (c. 15), Diecodyem (c. 20) e Parowarity (c. 20). Outras famílias e indivíduos moram em locais isolados na área.

Além disso, é importante frisar que há um contingente apreciável de índios Munduruku, talvez chegando a 2 mil indivíduos, espalhados ao longo do Tapajós e S. Manoel (Teles Pires), inclusive nos arredores de Itaituba e Jacareacanga. Num desses pontos a Funai já determinou a criação do PI Sai Cinza, na margem esquerda do Tapajós, pouco acima de Jacareacanga.

Outro segmento dos Munduruku habitam na região do rio Canumã, um afluente do Madeira, no estado do Amazonas. Existe intercâmbio mais ou menos constante entre as comunidades Munduruku do Tapajós, mas o mesmo parece não se verificar entre essas e as do vale do Madeira no estado do Amazonas.

Os Munduruku da área do PI Kaburuá parecem ter consciência étnica muito pequena. Poucos sabem a extensão da área ocupada pelo grupo e revelam ^{pequena} consciência acerca da desagregação em que se encontram, além dos riscos que sofrem de maior desagregação e deculturação.

A primeira vista, os índios do Cabitutu (PI Kab) não mais conservam aspectos importantes de sua cultura original, embora se trate do segmento Munduruku menos "aculturado", segundo indigenistas e antropólogos que conhecem o assunto. Em Katon constata-se que foram abandonados, pelo menos aparentemente, traços como tipo e sistema de moradia, vários tipos de expressões musicais, plásticas, arte cerâmica, arte plumária, pintura e tatuagem corporal, utensílios de caça, guerra e de fins religiosos ou sociais, danças, religião, etc. Entretanto, ali, como em outras aldeias dessa área, vários dos indivíduos mais velhos, inclusive alguns com idade inferior a 40 anos, e principalmente mulheres, tem o rosto e/ou partes outras do corpo tatuados, ou lóbulo da orelha furados a maneira "dos antigos". Alguns desses indivíduos mais velhos recordam-se de cantigas, mitos, estórias, enfim, descrevem muito da cultura tradicional Munduruku. Porém, a posição desses elementos parece fraca em confronto com a dos jovens, principalmente do sexo masculino, influenciados por frentes da sociedade nacional na região, particularmente pela "cultura do garimpo". Figura destacada do grupo dos mais velhos é o Tuxaua Kabá Biboy, crioso dos valores culturais dos "antigos". Ele goza de grande prestígio, não só na área do Cabitutu, como também, ao que parece, em outras regiões, como o Cururu.

Kabá Biboy é comumente chamado de Biboy (Kabá é nome de clã, ou "família", como se diz na área) e usa também o nome de Amancio Caetano, ou Amancio Biboy Caetano. Ele diz ter 53 anos, e que foi treinado longos anos para se tornar tuxaua, sendo, aparentemente, o único dessa posição em todo o Tapajós. Apesar de seu prestígio, Kabá Biboy tem dificuldade em manter ou revitalizar manifestações culturais de seu povo, como é de sua vontade, e para o que conta com apoio constante do chefe do PI, José Luis Montenegro.

Há índios mais jovens que, em conversas com "civilizados" chegam a manifestar rejeição por sua condição étnica.

Não se pode dizer, entretanto, que inexistente consciência e auto-identificação étnica entre os Munduruku do Cabitutu. Há indícios de que a instalação do PI Kaburuá, há seis anos, vem contribuindo para estancar o processo de aculturação entre os índios, assim como, de alguma forma, parece já ocorrer uma lenta recuperação do prestígio da tradição. Isso pode ser atribuído à sensível diminuição do contato com regionais "civilizados", a quebra da dependência sobre regatões, comerciantes, etc. Mantem-se vivos os clãs (famílias) e metades, regendo o sistema matrimonial e funerário, a língua, que permanece como idioma único para a quase totalidade das mulheres e crianças, algumas crenças religiosas, e vários outros aspectos culturais da vida cotidiana. Elementos importantes da cultura Munduruku, que são o conjunto de flautas ("tabocas"), e o tamborete cerimonial ainda existem, segundo Kabá Biboy, inclusive as tabocas proibidas à visão de mulheres, na aldeia Kaburuá.

De acordo com o antropólogo Steve Brian B., norte-americano, que vem estudando os Munduruku do Tapajós, principalmente os do Cabitutu, esses índios aparentam terem abandonado o sistema matrilocal de casamento em favor de sistema patrilocal.

No aspecto religioso (mitos, ritos, pagelança, etc), os índios dão mostras de que conservam alguma coisa da cultura original. Entretanto, o último pag é reconhecido e respeitado como autêntico (Vicente), faleceu há poucos anos em Katon. Apesar dos obstáculos naturais de separação, os índios do Cabitutu receberam alguma influência da ação missionária católica instalada há muitos anos no rio Cururu, assim como da missão batista instalada em Sai Cinza.

Quanto ao contato com o elemento regional envolvente, o fenômeno existe, embora tenha diminuído muito com o posto da Funai e a cantina. Há sempre índios dessa área indo a Jacareacanga ou mesmo Itaituba para comercializar um excedente de couro, fazer compras, e até para "se divertir"; há índios trabalhando em garimpos com civilizados fora da reserva, enfim várias formas de contato. Além disso, há, morando na área do Fl, pelo menos dois casos de "civilizado" casado com índiax. A primeira vista, esses dois "civilizados" tem alguma consciência de respeito étnico, e estariam abertos a uma conscientização mais profunda.

Poderíamos ainda classificar de contato a audiência de rádios em ondas curtas, o que é muito frequente entre os índios garimpeiros do Tapajós. Com esse emaranhado de contato, sem dúvida, a influência referida da "cultura de garimpo". Caracterizamos aqui como tal hábitos tais como o consumo de supérfluos, de gastos exibicionistas, a promoção muito frequente de festas dançantes, passeios a centros urbanos para compras, inclusive frequência a cabarés, etc. Para que se tenha uma ideia, em Katon, durante o período de estágio deste cursando, as festas dançantes, à base de vitrola de pilha e música brasileira (típica do Pará e de garimpo), damas e cavalheiros trajando a melhor roupa, tiveram frequência maior que duas por semana.

3. Terras

Desde 1945 (21/03/45) que os Munduruku têm reserva decretada, por ato (Lei nº 305) do Interventor do Estado do Pará, João Guilherme Bittencourt. Entretanto, essa reserva foi julgada insuficiente e imprópria para a realidade presente da região. Tinha forma geral triangular, limitando-se ao sul pelo rio Cururu, a leste/nordeste por uma linha seca ~~XXXXXXXXXXXX~~ partindo do salto do Creputiá até a nascente do rio Caruruá, seguindo por este até sua foz no rio das Tropas. Como limite oeste/noroeste, uma linha seca da referida foz até a foz do Cururu no Tapajós.

Somente em 27/06/77 foi procedida a redemarcação da Reserva Indígena Munduruku, maior e não inteiramente coincidente com a área então vigente, segundo se depreende dos mapas e ~~XXXXXXXXXX~~ memorial descritivo

consultados, conforme reproduzido no mapa anexo a esse relatório. Com a nova demarcação, a reserva ficou com área calculada pelos demarcadores em 948.541 hectares. Mais tarde, recentemente, a Funai atendeu pleito dos índios da região do Cururu, demarcando uma complementação de 60 mil ha no extremo sul da reserva. Com isto, a reserva agora se estende até o paralelo 8°10' Sul. Soma, portanto, no total, 1 milhão 8 mil 541 ha.

Do que consta no PI Kaburuá, não há problemas de litígios ou contestações judiciais no tocante ao aspecto terra. Vale registrar, entretanto, que os índios da aldeia Katon, às margens do Cabitutu, usufruem não só de terrenos incluídos na reserva como fora dela, na outra margem no rio, tanto para caça e coleta como para lavoura.

4. Aspectos Naturais

O clima na área do PI Kaburuá, tomando-se por base o Atlas Meteorológico Brasileiro, é definido como "Am": tropical úmido, sem estação fria, com chuvas de tipo monção (classificação de Köppen). Nos meses secos - apenas tres - as chuvas são inferiores a 60 mm. A temperatura média anual na faixa de 25° e a umidade relativa do ar média em 85%. Não existem dados meteorológicos específicos da área, mas pode^{se} tomar por base os dados de Jacareacanga e "Estação Alto Tapajós" (7°21'S/ 57°31'W), citados pelo Projeto Radam, volume 7 - "Tapajós", por exemplo, para precipitação e balanço hídrico:

| | Precipitação mm | Meses de deficiência hídrica/mm | Meses de excesso hídrico/mm |
|--------------|--------------------|---------------------------------------|--|
| Jacareacanga | 2.087 | jun, jul, ago, set, out | jan, fev, mar, abr, mai |
| Alto Tapajós | 2.712 | jun, jul, ago | out, nov, dez, jan, fev, mar, abr, mai |

O balanço hídrico na região apresenta excedentes que vão de 772 mm (Jacareacanga) a 1.430 mm (Alto Tapajós), e deficiências de 361 mm (Jacareacanga) a 154 mm (Alto Tapajós).

A topografia na área do PI Kaburuá é marcada pela influencia da Serra do Cachimbo que ali se expande em direção ao Tapajós. De acordo com levantamentos do Projeto Radam o relevo dominante na área norte da reserva Munduruku é "suave ondulado" e "ondulado". Existem ainda áreas planas pouco extensas, tanto nos baixos rios como nos platôs da chapada.

Quanto à hidrografia, o aspecto mais importante a ser ressaltado prende-se a dificuldade que os rios principais (Cabitutu e Cadiriri) apresentam à navegação, devido ao fenômeno da queda de vegetação de grande porte, obstruindo a via. O fenômeno prejudica a navegação tanto na vazante como na cheia. Na vazante, entretanto, as regiões dos altos são praticamente inatingíveis por barcos maiores que pequenas canoas e ubás. Há também pedras em alguns trechos dos rios, mas os desníveis de

água (corredoiras, cachoeiras, etc) não chegam a representar problema.

No tocante à vegetação, domina na área o complexo classificado pelo Radam como "contato cerrado-floresta", com "ilhas" de cerrado frequentes. Trata-se de área com baixo potencial para exploração madeireira, permitindo apenas, após estudos, implantação de criação extensiva (Radam). Por outro lado há uma faixa apreciável dos grupos "Fdoe+Famc" (Associação Floresta densa com emergentes e relevo fortemente ondulado com Floresta aberta em relevo acidentado) e "Fdre+Famp" (densa com emergentes de planô com aberta de relevo tabular), que apresentam bom potencial madeireiro. O primeiro grupo, apesar de apresentar o inconveniente (para fins econômicos) de relevo acidentado, mostrou por pesquisa de amostra feita pelo Radam próximo à região em questão um volume de madeira comercial por ha bastante alto: 124 metros cúbicos. Nessa área de floresta ocorrem frequentemente plantas úteis importantes, como é o caso da castanheira, seringueira, etc.

Trata-se de uma região em que o aspecto fauna parece não apresentar deficiências, a julgar pelo depoimento dos índios em Katon. Os Munduruku afirmam que a caça é relativamente abundante em toda a área de floresta, inclusive com animais de caça de maior porte, como veados, antas, caetitus e porcos queixada. Há igualmente uma variedade muito grande de aves e fauna fluvial.

Quanto a solo, tanto o depoimento do técnico agrícola José Romildo Oliveira, em Katon, como o relatório do Projeto Radam atestam a presença de latossolos vermelho-amarelo, de baixa fertilidade e elevada acidez. Consta, pelo relatório do Radam, que toda a área norte da reserva apresenta solos restritos ou inaptos no tocante a aptidão agrícola em sistemas de "manejo primitivo". Já em sistema de "manejo desenvolvido", algumas faixas apresentariam-se "regulares" para culturas de ciclo longo.

Em face da importância que a atividade extrativa mineral tem para a área em foco, pesquisamos também alguns dados sobre aspectos geológicos da região. O Radam inclui toda a área da reserva Munduruku entre as áreas "promissoras" do ponto de vista mineralógico, vendo potencial particularmente para ouro, cassiterita, nióbio e tântalo. Ocorre na região o fenômeno das "estruturas circulares mineralizadas", vistas pelos técnicos como particularmente promissoras ~~xxxx~~ do ponto de vista econômico. Como é sabido, ocorre na área o ouro e a cassiterita aluvionar, sendo o primeiro descoberto em 1959 próximo a foz, no rio das Tropas, e o segundo em 1963 num afluente do mesmo rio.

5. Transporte e Comunicação

... embarcações de pequeno porte ou de aeronaves de pequeno porte. Como já foi referido, os rios que penetram nessa parte da reserva Mundurucu são afetados constantemente pela queda de árvores, de maneira que é extremamente difícil mantê-los desobstruídos. Permitem, no máximo, canoas rotas, de até cerca de 3 toneladas, com motor de popa, a base da caríssima gasolina. Para aviões pequenos, existe uma pista na aldeia Kaburuá, dos anos 50, e outra em fase final de preparação na aldeia Katon. Para recorrer-se a aeronaves afretadas, entretanto, as condições econômico-financeiras são precárias, já que trata-se de um transporte muito caro, particularmente nessa região de garimpo. De toda forma, as pistas são uma opção para casos de emergência.

Internamente à Funai, a região dispõe, através do PI, de rádio-fonia LEE, energizado por grupo gerador diesel. O equipamento fala bem com a Ajudância, em Itaituba, e ainda com os outros postos da região (Mundurucu, Sai Cinza e Kaiabí), podendo ainda travar contato com a Ajudância de Alvarina. No mais, para efeito de transporte, o órgão tutelar tem que recorrer aos meios descritos acima. A ligação rodoviária Itaituba-Jacareacanga (Transamazônica), servida por linha regular de ônibus, veio facilitar o acesso da região a Itaituba, e vice-versa. São 400 km de estrada de chão, que às vezes apresenta-se perigosa ou intrançitável na época chuvosa. De Jacareacanga até Katon são cerca de sete horas em motor de popa. Levando, embora-se cerca de quatro horas. Consome-se no trajeto cerca de 54 litros de gasolina, o que, em Jacareacanga sai a um preço de Cr\$ 1.800,00.

6. O PI - Estrutura e Funcionamento

Localiza-se o PI Kaburuá na aldeia de Katon, no curso médio do rio Cabitutu. Originalmente o posto deveria se localizar na aldeia Kaburuá, no alto Cabitutu, distante 9 km do rio. Por se considerar as dificuldades de acesso, resolveu-se mudar a localização para Katon. A denominação mantida impõe certa confusão na área.

Convencionou-se como "área do posto" a parte norte da reserva, servida pelos rios Cabitutu, Cadiriri e afluente do Rio das Tropas.

Dispõe o posto de um barracão grande (180 m²), de piso de cimento, paredes de tábuas e teto de zinco de baixa inclinação em duas águas. Ali está instalada a sede-escritório, em um dos cômodos. A casa-sede dispõe no total de seis cômodos, pelos quais se distribuem dois alojamentos, a cantina, uma dispensa, sala, além de dois banheiros.

Outras benfeitorias erguidas pela Funai no local do PI são uma enfermaria, com farmácia e alojamento para atendente, de material idêntico ao da casa-sede, embora menor em tamanho, uma casa de farinha de 60 m² e uma escola de igual tamanho, esta porém de paredes de alvenaria.

Lotados no PI Kaburúá estão apenas o chefe e o motorista fluvial, este um índio. O posto carrega de atendente, professor e braçal contratados. Na prática dois elementos da comunidade vêm desempenhando funções de atendente e braçal, recebendo, sempre que possível, auxílio alimentação e outros eventuais benefícios indiretos conseguidos pela chefia. O posto ainda é servido por um técnico agrícola lotado na Ajudância de Itaituba, mas que entretanto servirá por temporadas nos outros postos da região.

Dispõe o posto de um conjunto apreciável de equipamentos: Um grupo gerador diesel com rede e instalações elétricas servindo todas as benfeitorias erguidas pelo PI, dois motores de popa, uma bomba de recalque elétrica (não utilizada), uma moto-serra, uma geladeira a querosene, além de outros itens menos importantes.

Entre as atividades desenvolvidas pelo PI destaca-se a operação da Cantina, surgida como resultado de um projeto implantado há três anos, com recursos da Funai. O PI supervisiona sua área, já se vendo obrigado a agir em mais de um caso de penetração da área por garimpeiros "civilizados". Além de manter a harmonia, a chefia do PI realiza todo um trabalho de apoio a iniciativas econômicas e tradicionalistas da comunidade, e assiste quando ocorre caso de comercialização de excedentes de produção (coleta, agrícola ou criação de animais de pequeno porte) em Jacareacanga, já que a cantina recebe apenas ouro ou dinheiro.

7. Aspectos Sociais

As condições habitacionais na área do PI Kab podem ser consideradas razoáveis, embora em muitos casos deva ser considerada precária em face de critérios sanitários e de conforto face ao regime socio-econômico sanitário em que vivem aquelas comunidades. As casas são em geral no estilo tradicional, com paredes externas de taipa e cobertura de palha em duas águas e piso de terra batida. Recentemente já começam a aparecer casas com piso cimentado e paredes rebocadas, fruto da renda do ouro e eventuais doações de material de construção por parte da Funai. Os índios de Itaituba parece ter incorporado a suas aspirações a adoção de tais materiais modernos em suas habitações.

No tocante a saneamento conta a sítio do PI com três fossas anexas à casa sede, enfermaria e escola. Somente uma delas, a da casa-sede vem recebendo efetivamente dejetos sanitários e suas condições físicas e localização parecem precárias, talvez devido ao pequeno desnível e possível proximidade de lençol freático. Situa-se no caminho da drenagem à margem do rio, que na cheia pode se aproximar até a cerca de 100 m. A comunidade indígena não utiliza instalações sanitárias convencionais ou fossa de qualquer tipo.

Sobre o lixo do posto e da comunidade existe um buzaco para

incineração, localizada entre a casa sede e a casa de farinha, que distam entre si cerca de 100 m.

Segundo relato de funcionários e índios na área, o estado geral de saúde no Tabitutu é considerado bom. Há indícios de melhoria no padrão nutricional na área, a partir da melhoria na renda, com a cantina, e as doações de alimentos, principalmente leite em pó, arroz e fubá por parte do INIA. Além disso, vacinações realizadas de sarampo, varíola e BCG, melhoraram sensivelmente o quadro de doenças ~~existentes~~ na área. Verifica-se, entretanto, frequência grande de problemas dentários e casos de malária, contraída em garimpos e acampamentos.

Quanto a educação, no momento pouco se pode relatar, uma vez a escola não vem funcionando por falta de professor. Apenas durante um curto período de três meses chegou a escola do posto a funcionar. Apesar do curto período, alguns poucos índios assimilaram rudimentos de alfabetização, sendo capazes de ler com certa dificuldade, tanto em português como em sua língua. Essa situação contrasta com a do Caruru, onde, segundo relatos informados na região, existe escola em funcionamento há alguns anos, havendo ali muitos índios alfabetizados.

Tem-se a impressão, a partir de diálogos com membros da comunidade de Katon, que eles não valorizam a alfabetização em sua própria língua, mas atribuem maior importância à literatura produzida pelo Summer Institute of Linguistics (várias cartilhas, livros de leitura, gramática e coleções de livros de histórias e lendas). Disse Nabá Tiboy numa ocasião: "pra que aprender a escrever na nossa língua? Nós não vamos escrever carta para ninguém..." Entretanto expressam desejo de ler e escrever em português e ter maior domínio de matemática.

No tocante ao regime social de trabalho a comunidade Mandayruha do norte da reserva observa uma tendência à organização das atividades com base na família nuclear ou estirpe quando seja o caso. Não há relações patronais nem de dependência, e, em alguns casos as atividades são promovidas comunitariamente, como se fosse um mutirão, ou em sociedade, como ocorre frequentemente em garimpos. Essas "sociedades" para garimpo, no estilo do garimpo regional, são geralmente de poucos - normalmente dois ou três - "sócios".

6. Aspectos Econômicos

Economicamente, a comunidade do Tabitutu é considerada por indigenistas como privilegiada, quando confrontada com o quadro geral das comunidades indígenas brasileiras. Mas, como se pode observar em itens acima, a situação econômica da área é frágil e incerta

em termos de futuro. O lado positivo talvez é relativo a um quadro geral desanimador, porém, enquanto o lado de renda é um pouco melhor e o lado educacional ainda melhor, o lado nutricional não é bom. Já a estrutura socio-educacional da comunidade para lidar com a administração de um recurso tão valioso como este é extremamente precária, como fica evidente a todos que lá visitam. Além de uma dependência virtual em relação à Funai, para que não sejam abusados. Há ainda o problema, já abordado, da mentalidade de ganho, resultando num hábito de consumo pouco condizente com a realidade de carências e de pobreza de recursos alimentares (só o ruim) da área. Quer dizer: muito da renda do índio vai para o comerciante de uma região fortemente inflacionada, a troca de "bomfons" (cachaça), pólvora, discos, roupas, etc. Além disso há a dependência na gasolina.

Indicando por campos de atividades, poderíamos começar pela coleta. Segundo os elementos de índios e indígenas que têm trabalhado a coleta de produtos florestais apresenta um quadro satisfatório, não sendo, porém, de grande importância para fins comerciais. A gama de produtos é bastante variada, destacando-se, entre eles a castanha, frutos diversos, material para construção e artesanatos e ainda seringa, embora esta não venha sendo explorada desde a emergência de ganho. De geral a produção de coleta visa a subsistência. Em 1977 chegou a ser comercializada uma parte de castanha que soma 200 toneladas, o que é uma produção considerável regional.

Em termos de potencial, vale registrar a análise do Projeto Radam, identificando uma faixa produtiva para madeira, como se pode ver em mapa anexo. Esse aproveitamento, entretanto, fica condicionado a uma série de fatores, tais como a realização de estudos relativos a problemas ecológicos e de proteção dos cursos d'água, resolução do problema de corte e transporte, já que a topografia é acidentada, e existência de serraria, etc.

Caça. Esta atividade não tem grande importância econômica, restringindo-se ao atendimento de subsistência. A proibição federal de comercialização de peles silvestres parece ser fielmente cumprida na área.

Fisca. Mesma situação da caça.

Agricultura. Essa atividade é bastante praticada na área, abrangendo uma gama variada de produtos. Entre estes podem ser citados: macaxeira, mandioca, maniçoba, cará, melancia, milho e banana. Alguns elementos vem sendo introduzidos pela Funai, como pequena fruticultura de manga, banana, caju, citrão, goiaba e outros, e agora arroz e milho híbrido.

Toda agricultura na área é exclusivamente para subsistência, e talvez mesmo para isso não seja suficiente, levando-se em conta aspectos nutricionais e sanitários. Agora tem início um trabalho

estatísticas de assistência agrônoma, através de um técnico agrícola, podendo contribuir a uma maior conscientização em torno da agricultura. Os índios, como já foi referido, são muito pouco aptos a essa atividade, parecendo enfiar, no mais longo, adoção de técnicas desenvolvidas, como calagem e adubação. A chefia do posto e o técnico agrícola José Romildo Oliveira têm em vista planejar e executar um projeto de criação na área.

Criação. Limita-se a animais de pequeno porte, particularmente galináceos e suínos. A técnica de criação é primitiva. Dão-se prática a castração de leitões. É intenção do tuxaua Biboy desenvolver mais a cultura do milho, tendo em vista aprimorar a criação de galináceos. Está se iniciando também um experimento com curi-cultura em baton. Eventualmente ocorre a comercialização de suíno abatido em Jacareacanga.

Indústria. Como indústria rudimentar, destaca-se na área a produção de farinha d'água e de tapioca, a partir da mandioca. Atende exclusivamente à subsistência.

Outra atividade principal. Como já foi referido, aqui está a principal atividade econômica e fonte de renda da comunidade. A produção de ouro garante o funcionamento da cantina e esta, com seus lucros, traz benefícios para a comunidade e em parte custeia financeiramente o II Indutubá. Há em área de exploração sobre comercialização de ouro da cantina do II Indutubá em Itaituba durante os meses de 1978 e 1979:

| | Quantidade kg | Preço médio Cr\$/g | Receita Cr\$ |
|------|------------------|-----------------------|-----------------|
| 1978 | 2.970 | 108,23 | 321.930,30 |
| 1979 | 1.746,5 | 270,00 | 470.770,50 |

Vale registrar que uma partida de ouro recebida pela cantina nos últimos três meses deste ano, avaliada em mais de 200 g ainda não foi comercializada, o que deverá ocorrer apenas já em 1980. O lucro da cantina é apreciável, pois, como se pode ver atualmente, o ouro é recebido na cantina à correspondência de Cr\$ 300,00 e comercializado em Itaituba, por tomada de preço, a mais de Cr\$ 400,00 a g. O movimento da cantina não traz a produção de ouro da comunidade. É comum membros da comunidade trocarem na cantina apenas parte de sua produção de ouro, mesmo que tenha débito, conservando outra parte para fazer outras compras em Jacareacanga ou mesmo Itaituba. Nós mesmos podemos assistir como índios sócios saldarem seus débitos na cantina e pesarem 100 g de ouro para iram trocar e fazer gastos em Itaituba. Com gramas em Itaituba no dia 10/12 último valiam Cr\$ 43 mil. Mesmo levando-se em conta certa "quebra" no ouro por impurezas, a receita obtida será considerável.

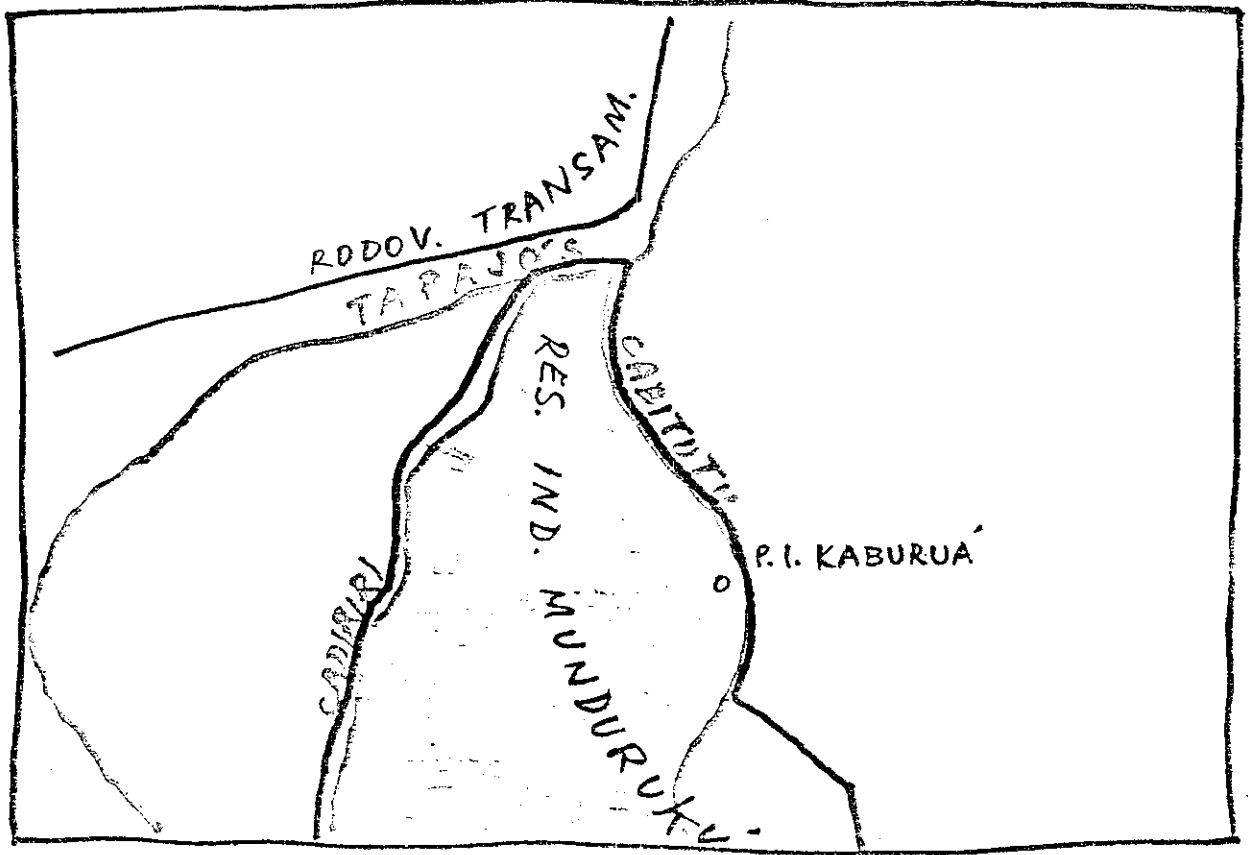
É interessante notar que há ocorrência de cassiterita na área, embora esta ainda não seja extraída corriqueiramente nem comercializada, segundo informações disponíveis no II.

Investigando a região, o Projeto Etnom identificou essa área "muito promissora" em termos de potencial mineralógico, como já foi citado. É óbvio, entretanto, que um trabalho visando detectar possibilidades e viabilizar esquemas produtivos de maior porte envolve uma série de fatores a serem considerados, não só a nível econômico-financeiro, como também sócio-antropológico.

Comercio. Aqui está um problema que aflije a comunidade do PI Kaburúá. A região, como já referimos, devido ao garimpo, sofre grande pressão inflacionária nos preços dos gêneros e serviços, e os preços ascendem sensivelmente à medida que se afastam de Itaituba em direção ao alto Tapajós e altos rios. Uma refeição simples em Altamira custa em média Cr\$ 60,00. Em Itaituba é Cr\$ 100,00. Com a cantina do PI Kab, a comunidade da área consegue se abastecer a preços de Itaituba, segundo a chefia do PI. Entretanto, ainda assim, os preços são elevados, e a dificuldade de transportes dificulta a manutenção de estoque na cantina.

Artesanato. Do ponto de vista econômico, a produção de artesanato para comercialização fora da comunidade, não tem grande expressão. São produzidos mais regularmente colares, usando material local, fio de nylon e, às vezes, miçangas industriais, manufaturado pelas mulheres. Comercializa-se também arcos e flechas (puramente ornamentais), e, mais raramente outros artigos, como cestas ou tijelas em uma versão reduzida. Segundo a chefia do PI, a produção de artesanato é mais explorada em períodos de queda na produção de ouro e outras dificuldades econômicas. Há potencial, entretanto, para maior renda com artesanato, a depender da viabilização de esquemas de transportes para peças maiores, de maior valor como testemunho antropológico. Pode ser o caso da cerâmica tradicional, hoje abandonada, nos cuja técnica ainda é utilizada por muitas das mulheres mais velhas.

VEGETAÇÃO

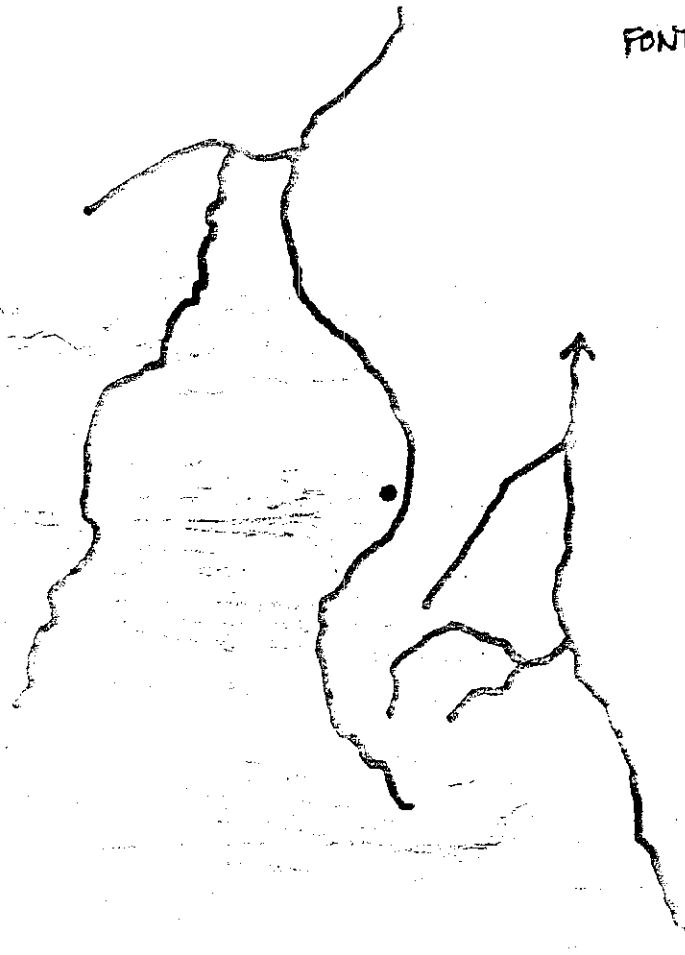


- AREA DE CONTATO
FLORESTA-CERRADO E CERRADO
- AREA DE FLORESTA COM
ALTO POTENCIAL MADEIREIRO

FONTE: RADAM

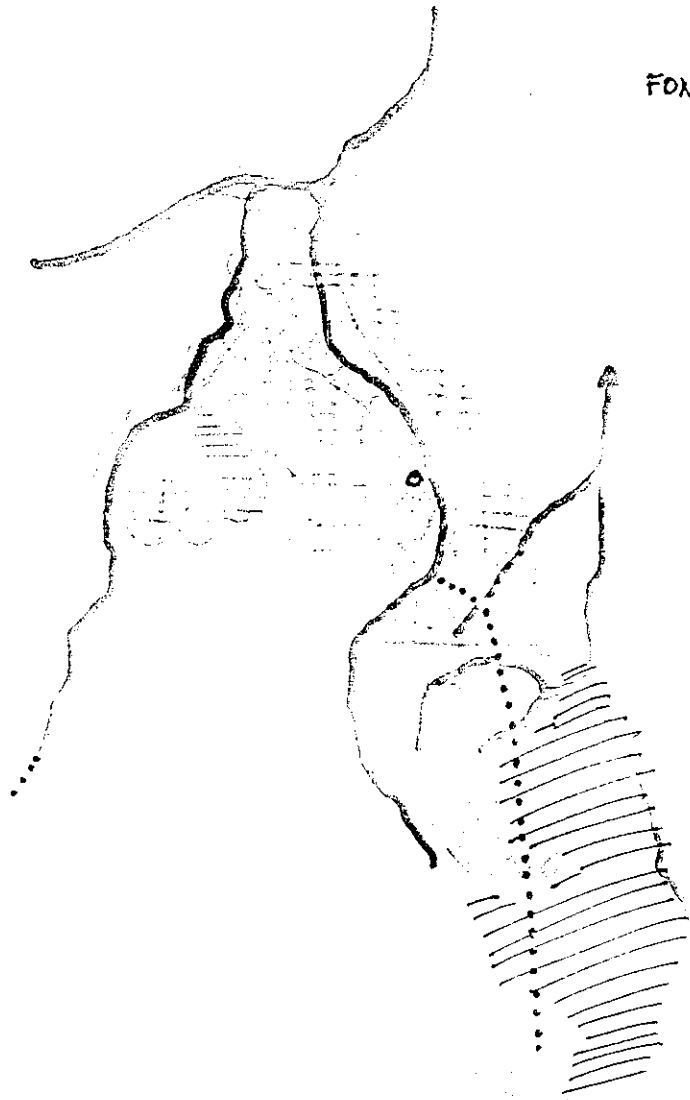
APTIDÃO AGRÍCOLA DOS SOLOS

FONTE: RADAM



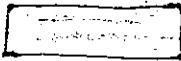
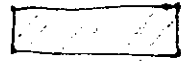
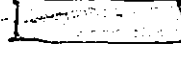
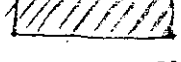
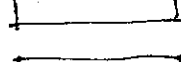
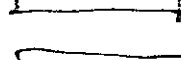
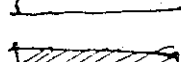
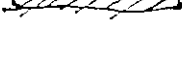
- INAPTA PARA USO AGRÍCOLA E PASTOREIO EXTENSIVO
- RESTRITA PARA CULTURAS C. LONGO. INAPTA PARA C. CURTO
- RESTRITA PARA CULTURAS C. LONGO E CURTO
- RESTRITA PARA CULTURAS C. CURTO. INAPTA PARA C. LONGO

USO POTENCIAL DA TERRA



FONTE: RADAM.

AVALIAÇÃO MÉDIA DA CAPACIDADE NATURAL DO USO DA TERRA

| | EXPLORAÇÃO DE MADEIRA | LAVOURA E CRIAÇÃO EM PASTO PLANTADO | EXTRATIVISMO VEGETAL |
|---|---|-------------------------------------|----------------------|
|  | ALTA | BAIXA | ALTA |
|  | ALTA | BAIXA | ALTA |
|  | ALTA | MUITO BAIXA | MUITO BAIXA |
|  | BAIXA | NÃO SIGNIFICANTE | MUITO BAIXA |
|  | BAIXA | NÃO SIGNIFICANTE | NÃO SIGNIFICANTE |
|  | Ñ SIGNIF. | Ñ SIGNIF. | Ñ SIGNIF. |
|  | ÁREA DE UTILIZAÇÃO CONDICIONADA A ESTUDOS ESPECÍFICOS | | |
|  | ÁREA DE PROTEÇÃO AO ECOSISTEMA (CÓD. FLORESTAL) | | |

